

Índice

Ulisses	
I	7
II	59
III	551
Posfácio — Ulisses: <i>Uma Breve História</i>	731

I

Soberbo, o roliço Buck Mulligan veio do cimo das escadas, trazendo uma bacia com espuma de sabão sobre a qual um espelho e uma navalha se cruzavam. Um roupão amarelo, descingido, era gentilmente sustido detrás pela suave brisa matinal. Elevou a bacia e entoou:

— *Introibo ad altare Dei.*

Deteve-se, perscrutou o fundo da escura escada em caracol e chamou com rudeza:

— Suba, Kinch. Suba, seu jesuíta medroso.

Solenemente avançou e subiu à plataforma de tiro redonda. Fez meia-volta e abençoou gravemente três vezes a torre, o campo circundante e as montanhas que despertavam. Então, ao reparar em Stephen Dedalus, inclinou-se para ele e traçou rápidas cruces no ar, gorgolejando na garganta e meneando a cabeça. Stephen Dedalus, desagradado e sonolento, apoiou os braços no cimo do corrimão e olhou friamente a cara meneadora e gorgolejante que o abençoava, equina no comprimento, e o cabelo claro sem tonsura, veiado e matizado como carvalho pálido.

Buck Mulligan espreitou um instante por baixo do espelho e cobriu lesto a bacia.

— À caserna, volver! — disse severamente.

Acrescentou em tom de pregador:

— Pois isto, ó bem-amados, é a genuína Cristina: corpo e alma e sangue e chagas. Música lenta, por favor. Fechai os vossos olhos, cavaleiros. Um momento. Um pequeno problema com estes glóbulos brancos. Silêncio, todos.

Perscrutou de lado as alturas e lançou um longo e grave assobio de chamada, depois fez um instante de pausa em atenção extática, os dentes brancos regulares brilhando aqui e ali pontilhados de oiro. Crisóstomo. Dois assobios fortes e estridentes responderam através da calma.

— Obrigado, meu velho — exclamou com vivacidade. — Assim está ótimo. Desligue a corrente, está bem?

Saltou da plataforma de tiro e olhou gravemente para o seu observador, arrepanhando em volta das pernas as abas soltas do roupão. A cara roliça e sombreada, a queixada carrancuda e oval lembravam um prelado, patrono das artes na época medieval. Um sorriso prazenteiro despontou-lhe discretamente nos lábios.

— A piada disso — disse jovial. — Esse seu nome absurdo, um grego antigo!

Apontou o dedo num gesto amistoso e dirigiu-se ao parapeito, rindo consigo mesmo. Stephen Dedalus subiu, seguiu-o acabrunhado até meio caminho e sentou-se na borda da plataforma de tiro, olhando-o em silêncio enquanto ele apoiava o espelho no parapeito, mergulhava o pincel na bacia e ensaboava faces e pescoço.

A voz divertida de Buck Mulligan prosseguiu.

— O meu nome também é absurdo: Malachi Mulligan, dois dácilios. Mas soa helénico, não soa? Saltitante e solar como o gamo em si. Temos de ir a Atenas. Você vem se eu conseguir que a tia largue vinte libras?

Pôs de lado o pincel e, rindo com gosto, exclamou:

— Será que ele vem? O jejuado jesuíta.

Cessando, começou a barbear-se com cuidado.

— Diga-me, Mulligan — disse Stephen calmamente.

— Sim, querido?

— Quanto tempo vai ficar Haines nesta torre?

Buck Mulligan exibiu uma face barbeada por cima do ombro direito.

— Meu Deus, não é terrível? — disse com franqueza. — Um saxão ponderoso. Acha que você não é um cavalheiro. Meu Deus, estes malditos ingleses. A rebentarem de dinheiro e indigestão. Lá porque vem de Oxford. Sabe, Dedalus, você tem o verdadeiro estilo de Oxford. Ele não pode compreendê-lo. Oh, o nome que arranjei para si é o melhor: Kinch, lâmina-de-faca.

Barbeou cautelosamente o queixo.

— Ele passou a noite inteira a delirar com uma pantera negra — disse Stephen. — Onde está o estojo da arma dele?

— Um lunático desgraçado — disse Mulligan. — Você ficou com cagufa?

— Fiquei — disse Stephen com energia e medo crescente. — Aqui no escuro com um sujeito que não conheço, a delirar e a gemer que dava um tiro numa pantera negra. Você salvou tipos de se afogarem. Mas eu não sou herói. Se ele fica aqui eu vou-me embora.

Buck Mulligan franziu a testa para a espuma na lâmina da navalha. Saltou do seu poleiro e começou a rebuscar sofregamente nos bolsos das calças.

— Trampa! — gritou grosseiramente.

Foi até à plataforma de tiro e, metendo uma mão no bolso superior de Stephen, disse:

— Concedei-nos o empréstimo do vosso moncoso para limpar a minha navalha.

Stephen consentiu que ele retirasse e exibisse seguro por uma ponta um lenço de assoar sujo e amarrotado. Buck Mulligan limpou a lâmina da navalha meticulosamente. Depois, fitando o lenço, disse:

— O moncoso do bardo. Uma nova cor artística para os nossos poetas irlandeses: verde-ranho. Quase que se pode saboreá-lo, não pode?

Subiu outra vez para o parapeito e contemplou dali a baía de Dublin, o seu louro cabelo carvalho-pálido agitando-se ao de leve.

— Meu Deus — disse calmamente. — Não é o mar como Algy lhe chama: uma cínzea e doce mãe? O mar verde-ranho. O mar escroto-constritor. *Epi oinopa ponton*. Ah, Dedalus, os gregos! Tenho de lhe ensinar. Tem de os ler no original. *Thalatta! Thalatta!* É a nossa imensa e doce mãe. Venha cá ver.

Stephen levantou-se e dirigiu-se ao parapeito. Apoiando-se nele olhou em baixo a água e o barco-correio saindo a boca do porto de Kingstown.

— Nossa mãe poderosa — disse Buck Mulligan.

Desviou abruptamente os grandes olhos inquisitivos do mar para a cara de Stephen.

— A tia acha que você matou a sua mãe — disse ele. — É por isso que ela não quer que eu me dê consigo.

— Alguém a matou — disse Stephen lugubrememente.

— Você podia ter-se ajoelhado, que diabo, Kinch, quando a sua mãe moribunda lhe pediu — disse Buck Mulligan. — Eu sou tão hiperbóreo quanto você. Mas pensar na sua mãe a suplicar no último suspiro para você se ajoelhar e rezar por ela. E você recusou. Há qualquer coisa de sinistro em si...

Interrompeu-se e voltou a ensaboar ligeiramente a outra face. Um sorriso tolerante arqueou-lhe os lábios.

— Mas um pantomineiro encantador — murmurou para si. — Kinch, o mais encantador dos pantomineiros.

Barbeou-se por igual e com cuidado, em silêncio, seriamente.

Stephen, um cotovelo pousado no granito rugoso, apoiou a palma da mão na testa e contemplou a borda puída da manga preta e lustrosa do

seu casaco. Uma dor, que não era ainda a dor do amor, roía-lhe o coração. Silenciosamente, num sonho, ela viera ter com ele depois da morte, o seu corpo consumido dentro das folgadas mortaldas castanhas, exalando um odor a cera e pau-rosa, o seu hálito, que inclinara sobre ele, mudo, reprovador, um vago odor a cinzas húmidas. Através da borda coçada do punho via o mar saudado como a imensa e doce mãe pela voz bem-nutrida a seu lado. O anel da baía e a linha do horizonte retinham uma massa opaca de líquido verde. Uma bacia de porcelana branca ficara à cabeceira do seu leito de morte contendo a viscosa bÍlis verde que ela arrancara do fígado putrefacto em acessos de altos vómitos gementes.

Buck Mulligan limpou de novo a lâmina da navalha.

— Ah, pobre corpo-de-cão! — disse ele com voz afável. — Tenho de lhe dar uma camisa e uns quantos moncosos. Que tal as calças em segunda mão?

— Ficam-me bastante bem — respondeu Stephen.

Buck Mulligan atacou a covinha por baixo do lábio inferior.

— O cómico disso — disse ele com satisfação — é que em segunda perna é que elas deviam ser. Sabe Deus que quebra-esquinas as pôs de parte. Tenho um belo par às riscas, cinzentas. Você ficaria estupendo nelas. Não estou a brincar, Kinch. Você fica bem como o diabo quando se arranja.

— Obrigado — disse Stephen. — Se são cinzentas não as posso usar.

— Não as pode usar — disse Buck Mulligan à sua cara no espelho.

— Etiqueta é etiqueta. Mata a mãe mas não pode usar calças cinzentas.

Dobrou a navalha meticulosamente e com pancadinhas da polpa dos dedos sentiu a pele macia.

Stephen desviou a sua contemplação do mar para a cara roliça com os seus olhos móveis de azul-fumado.

— Aquele fulano com quem eu estive no Ship ontem à noite — disse Buck Mulligan — diz que você tem p. g. i. Está lá em Dottyville com Conolly Norman. Paralisia geral do insano!

Varreu o ar com o espelho em semicírculo para difundir o fulgor da notícia na luz do sol já radiante sobre o mar. Os seus escanhoados lábios desdenhosos riram e o fio dos dentes brancos e cintilantes. O riso acometeu todo o seu tronco robusto e compacto.

— Olhe para si — disse ele —, seu bardo medonho.

Stephen inclinou-se para a frente e perscrutou o espelho segurado diante de si, fendido por uma racha recurva, os cabelos em pé. Como ele e outros me vêem. Quem me escolheu esta cara? Este corpo-de-cão a precisar de ser espulgado. Também ele mo pergunta.

— Surripei-o do quarto da criadita — disse Buck Mulligan. — Ela teve o que merece. A tia arranja sempre uns estafermos para o Malachi. Não o deixa cair em tentação. E chama-se Ursula.

Rindo de novo, afastou o espelho dos olhos perscrutadores de Stephen.

— A raiva de Caliban por não ver a sua cara num espelho — disse ele. — Se ao menos Wilde estivesse vivo para o ver.

Retrocedendo e apontando, Stephen disse com amargura:

— É um símbolo da arte irlandesa. O espelho rachado de uma criada.

Buck Mulligan enfiou subitamente o braço no de Stephen e caminhou com ele em redor da torre, a navalha e o espelho a chocalhar no bolso onde os metera.

— Não é justo fazer pouco de si desta maneira, Kinch, pois não? — disse ele afavelmente. — Deus sabe que você tem mais valor do que qualquer deles.

Novamente à defesa. Ele teme a lanceta da minha arte como eu temo a da sua. A pena acerada e fria.

— Espelho rachado de uma criada. Diga isso ao boi oxoniano do andar de baixo e saque-lhe um guinéu. Ele tresanda a dinheiro e acha que você não é um cavalheiro. O velho dele fez fortuna a vender jalapa aos zulus, ou outro raio de intrujice qualquer. Meu Deus, Kinch, se você e eu pudéssemos ao menos trabalhar juntos havíamos de fazer alguma coisa pela ilha. Helenizá-la.

O braço de Cranly. O seu braço.

— E pensar que você tem de mendigar desses porcos. Eu sou o único que sabe o que você é. Porque não confia mais em mim? O que é que lhe cheira contra mim? É o Haines? Se ele fizer algum barulho aqui trago o Seymour e damos-lhe uma desanda pior do que a que deram a Clive Kempthorpe.

Gritos juvenis de vozes endinheiradas nos aposentos de Clive Kempthorpe. Rostos-pálidos: agarram-se à barriga a rir, abraçando-se uns aos outros, ai, que eu vou expirar! Dê-lhe as notícias com delicadeza, Aubrey! Vou morrer! Com tiras rasgadas da camisa açoitando o ar, ele pula e cambaleia em volta da mesa, com as calças caídas pelos calcanhares, perseguido pelo Ades do Magdalen com a tesoura de alfaiate. Uma cara de bezerro assustado dourada de marmelada. Não quero que me baixem as calças! Não se armem em bestas comigo!

Gritos pela janela aberta sobressaltando o entardecer no pátio. Um jardineiro surdo, de avental, mascarado com a cara de Matthew Arnold, empurra a sua máquina de cortar pela relva sombria, observando atentamente as partículas dançantes de herbifolhas.

Para nós mesmos... neopaganismo... *omphalos*.

— Deixe-o ficar — disse Stephen. — Ele não se porta mal senão à noite.

— Então o que se passa? — perguntou Buck Mulligan com impaciência. — Desembuche lá. Eu sou muito franco consigo. O que tem contra mim agora?

Detiveram-se, olhando na direcção do cabo rombo de Bray Head que jazia na água como o focinho de uma baleia adormecida. Stephen libertou o seu braço calmamente.

— Você quer que lhe diga? — perguntou.

— Sim, o que se passa? — perguntou Buck Mulligan. — Eu não me lembro de nada.

Olhou Stephen de frente enquanto falava. Uma ligeira brisa passou-lhe pela testa, flabelando-lhe suavemente o cabelo loiro em desalinho e avivando pontos prateados de ansiedade nos seus olhos.

Stephen, deprimido pela própria voz, disse:

— Lembra-se do primeiro dia em que fui a sua casa depois da morte da minha mãe?

Buck Mulligan franziu de pronto o sobrolho e disse:

— O quê? Onde? Não me lembro de nada. Lembro-me apenas de ideias e sensações. Porquê? O que foi que aconteceu por amor de Deus?

— Você estava a fazer chá — disse Stephen — e eu atravessei o pátamar para ir buscar mais água quente. A sua mãe e uma visita qualquer saíram da sala de estar. Ela perguntou-lhe quem estava no seu quarto.

— Sim? — disse Buck Mulligan. — O que foi que eu disse? Esqueci-me.

— Você disse — respondeu Stephen — *Oh, é apenas o Dedalus, cuja mãe morreu como um animal*.

Um rubor que o fez parecer mais jovem e atraente subiu às faces de Buck Mulligan.

— Eu disse isso? — perguntou ele. — E então? Que mal é que isso tem?

Sacudiu de cima o seu constrangimento nervosamente.

— E o que é a morte — perguntou —, a da sua mãe ou a sua ou a minha? Você viu apenas a sua mãe morrer. Eu vejo-os rebentar todos os dias no Mater e no Richmond e serem estripados na sala de dissecação. É uma coisa animal e nada mais. Simplesmente não tem importância. Você não quis ajoelhar-se a rezar pela sua mãe no leito de morte quando ela lhe pediu. Porquê? Porque você tem dentro de si essa maldita veia jesuítica, só que injectada ao contrário. Para mim tudo isso é

ridículo e animal. Os lóbulos cerebrais dela deixam de funcionar. Ela chama o doutor sir Peter Teazle e colhe ranúnculos amarelos da colcha. Faça-se a vontade dela até que tudo acabe. Você contrariou o último desejo dela na hora da morte e todavia amua comigo porque eu não lamurio como qualquer carpideira alugada na Lalouette. Que absurdo! Supondo que eu disse isso. Não tive intenção de ofender a memória da sua mãe.

Ganhara atrevimento à medida que falava. Stephen, protegendo as feridas hiantes que as palavras tinham deixado no seu coração, disse muito friamente:

- Não estou a pensar na ofensa à minha mãe.
- Então em quê? — perguntou Buck Mulligan.
- Na ofensa a mim — respondeu Stephen.

Buck Mulligan rodou nos calcanhares.

- Oh, que pessoa impossível! — exclamou.

Pôs-se a andar apressadamente em redor do parapeito. Stephen permaneceu no seu posto, contemplando o mar calmo na direcção do promontório. Mar e promontório ficavam agora mais turvos. Latejos percutiam os seus olhos, velando-lhes a vista, e sentiu a febre nas faces.

Uma voz de dentro da torre chamou sonoramente:

- Está aí em cima, Mulligan?
- Já vou — respondeu Buck Mulligan.

Voltou-se para Stephen e disse:

— Olhe o mar. Que lhe importam as ofensas? Enxote o Loyola, Kinch, e venha para baixo. O Saxão quer as suas lascas de toucinho matinal.

A cabeça dele deteve-se ainda por um momento no topo da escada, ao nível do telhado.

— Não fique a remoer nisso o dia inteiro — disse ele. — Sou um inconsequente. Deixe esse cismar trombudo.

A cabeça desapareceu mas o zumbir da sua voz descendente ressoou da boca da escada:

*E não mais te afastes a cismar
No mistério amargo do amor
Pois Fergus rege os brônzeos carros.*

Boscossombras fluuavam silenciosas pela paz matinal da boca das escadas até ao mar que ele contemplava. Junto à costa e mais ao largo o espelho de água alvejava, repellido por pés pressurosos em calçado leve. Alvo seio do mar turvo. Os acentos geminados, dois a dois. Mão

tocando as cordas da harpa, fundindo os seus acordes geminados. Un-dialvas palavras conjugadas a tremeluzir na maré turva.

Uma nuvem começou a cobrir o sol lentamente, sombreando a baía num verde mais profundo. Jazia atrás de si, uma bacia de águas amargas. A canção de Fergus: cantei-a sozinho na casa, sustentando os longos acordes soturnos. A porta dela estava aberta: queria ouvir a minha música. Silencioso de temor e compaixão aproximei-me da sua cabeceira. Ela chorava no seu leito miserável. Por aquelas palavras, Stephen: mistério amargo do amor.

Onde agora?

Os segredos dela: velhos leques de plumas, cartões de dança com borlas, polvilhados de almíscar, uma bugiganga de contas de âmbar na sua gaveta fechada. Havia uma gaiola pendurada na janela soalheira de sua casa quando era menina. Ela ouvia o velho Royce cantar na pantomima de Turko, *o Terrível*, e ria-se com os outros quando ele cantava:

Sou o rapaz

A quem apraz

Invisibilidade.

Fantasmal regozijo, guardado: almiscarperfumado.

E não te afastes mais cismando.

Guardado na memória da natureza com os brinquedos dela. Memórias assediavam-lhe o cérebro cismador. O copo de água da torneira da cozinha quando se acercava do sacramento. Uma maçã descarcoçada recheada com açúcar mascavado, a assar para ela na grelha, num escuro entardecer de Outono. As suas unhas bem-feitas avermelhadas pelo sangue dos piolhos esmagados das camisas das crianças.

Num sonho, silenciosamente, ela viera ter com ele, o seu corpo consumido dentro das folgadas mortalhas exalando um odor a cera e a paurosa, o hálito inclinado sobre ele com palavras mudas e secretas, um fenecido odor a cinzas húmidas.

Os seus olhos vítreos, cravando-se desde a morte, para me estremecer e dobrar a alma. Em mim apenas. O círio-espectral para alumiar a sua agonia. Luz espectral na cara torturada. Dela o rouco respirar ruidoso estertorando de horror, enquanto todos rezavam de joelhos. Os seus olhos em mim para me fulminar. *Liliata rutilantium te confessorum turma circumdet: iubilantium te virginum chorus excipiat.*